



SEÇÃO: ARTIGO

## Relatos da subjetividade: personagens subalternas na obra de Milton Hatoum

*Reports of subjectivity: subaltern characters in Milton Hatoum's work*

Juciane Cavalheiro<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0002-5845-8079](https://orcid.org/0000-0002-5845-8079)

[jucianecavalheiro@gmail.com](mailto:jucianecavalheiro@gmail.com)

Augusto Rodrigues da  
Silva Júnior<sup>2</sup>

[orcid.org/0000-0002-6780-9731](https://orcid.org/0000-0002-6780-9731)

[augustorodriguesdr@gmail.com](mailto:augustorodriguesdr@gmail.com)

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 8 set. 2021.

Publicado em: 9 nov. 2021.

**Resumo:** Os relatos sobre a Amazônia sofreram, em processos socioeconômicos e históricos, uma associação subordinadora com relação aos discursos nacionais e internacionais. A literatura de Milton Hatoum surge como uma voz resistente neste contexto, propondo uma reconstrução da imagem exótica da Amazônia brasileira. Os seus personagens, a partir de posições privilegiadas, valem-se da memória para orquestrar perspectivas que se fragmentam no tempo e no espaço. Os narradores das primeiras obras, a narradora inominada de *Relato de um certo Oriente*, Nael de *Dois irmãos*, Lavo de *Cinzas do Norte*, e Arminto de *Órfãos do Eldorado*, ao viverem à margem da casa principal (e da sociedade), reivindicam, via escrita, oralidade e estilização – modalidades facultadas pela prosa. Nessas obras, o relato, marca da escrita hatouniana, estabelece reconstrução de vozes para a consolidação de subjetividades. Analisaremos, ainda, as personagens subalternas Anastácia Socorro, de *Relato de um certo Oriente*, e Domingas, de *Dois irmãos*, que vivem, desde seu nascimento, em contexto de submissão social – figuras subalternizadas pela sociedade brasileira e forçadas a se destituírem de suas alteridades. Para entender esse processo, além de Gramsci e Spivak, recorreremos a Walter Benjamin para mapear como essas vozes autonomizam-se e passam a habitar, de forma consciente, a história da cultura.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum. Personagens subalternas. Subjetividade.

**Abstract:** The reports about the Amazon suffered, in socio-economic and historical processes, a subordinate association with regard to national and international discourses. Milton Hatoum's literature emerges as a resistant voice in this context, *reconstructing* the discussion of the Brazilian Amazon exotic image. His characters, from privileged positions, use memory to orchestrate perspectives that are fragmented in time and space. The storytellers of the first works, the inominated storyteller of *Relato de um certo Oriente*, Nael from *Dois Irmãos*, Lavo from *Cinzas do Norte*, and Arminto from *Órfãos do Eldorado*, living on the main house (and society) margins, claim, through writing, orality and stylization – modalities provided by prose. In these works, the report, a mark of Hatounian writing, establishes the voices *reconstruction* for the subjectivities consolidation. We will analyze, yet, the subaltern characters Anastácia Socorro, from *Relato de um certo Oriente*, and Domingas, from *Dois irmãos*, who live, since their birth, in a social submission context – *subalterned* figures by Brazilian society and forced to remove themselves from their otherness. To understand this process, in addition to Gramsci and Spivak, we turn to Walter Benjamin to map how these voices become autonomous and consciously inhabit the culture history.

**Keywords:** Milton Hatoum. Subaltern characters. Subjectivities.



<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

## Introdução

Milton Hatoum, escritor contemporâneo brasileiro, traz consigo, desde seu nascimento,<sup>3</sup> uma heterogeneidade cultural, como declara em entrevista a José Castello: "Estou marcado por essa dualidade: dois países, duas línguas, duas culturas, duas religiões"<sup>4</sup> (HATOUM, 1998, p. D4). Como observado por Daniela Birman, Hatoum "também tem a possibilidade de se posicionar simultaneamente dentro e fora da Amazônia, pois nasceu e viveu lá, mas sempre na condição de filho de pai estrangeiro e de mãe de origem libanesa" (BIRMAN, 2007, p. 38). O premiado escritor, em entrevistas a Aída Hanania,<sup>5</sup> afirma:

[...] para todos nós, nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilingues, às vezes políglotas [...] (HATOUM, 1993, p. 1).

Além de distintas culturas, diversos lugares marcam a vida do escritor: Manaus, Brasília, São Paulo, Barcelona, Madri, Paris, entre outros. Este mundo híbrido transita em sua obra, reconstruído no aparentemente exótico e contínuo plural do norte do país. De forma geral, figuram, nas obras, "vidas em trânsito em busca de repouso e acolhida" (CHIARELLI, 2005, p. 63). Nesta mesma vertente, como observado por Vera Lúcia Maquêa, na obra de Hatoum, "contrariando a expectativa de uma literatura que vem do norte da Amazônia, a descrição mais forte é dos interiores, da casa, dos conflitos familiares" (MAQUÊA, 2007, p. 93-94).

A desmistificação de uma Amazônia exótica, desde o romance de estreia, *Relato de um certo oriente* (1989), está presente em diversos trabalhos acadêmicos – que avultam nas últimas décadas. Ana Claudia Fidelis (1998), na primeira dissertação de um catálogo<sup>6</sup> que vimos elaborando, dialoga

com a perspectiva da reconstrução de imagens da Amazônia diversas daquelas idealizadas na literatura. Benedita Martins (2004), em sua tese, evidencia essa dimensão do não exótico na prosa hatouniana: "a marca explícita da hibridez cultural: uma mistura de gente, de idiomas, de procedências, de modos de ser e de aparências diversas. É a voz do imigrante mesclada com a voz do amazônida brasileiro" (MARTINS, 2007, p. 41). Gilson Penalva, com a tese intitulada "Identidade e hibridismo cultural na Amazônia brasileira: um estudo comparado de *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, e *A Selva*, de Ferreira de Castro", verifica que ocorrem, nas três narrativas, "múltiplos atravessamentos, diálogos e interações culturais" (PENALVA, 2012, p. 173). Nathassia Guedes investiga – a partir do livro *Terra de Icamiba* (1934), de Abguar Bastos, e *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum –, "memórias e deslocamentos, de grupos marginalizados, atrelados a um discurso de formação da Amazônia, a partir do Ciclo da borracha, bem como da emancipação amazônica, no final da década de 1980" (GUEDES, 2019, p. 8). Postula, ainda, que as duas obras

[...] buscam cartografar as marcas do deslocamento, a partir da (re)construção desse espaço em um processo polifônico e multicultural, ultrapassando as fronteiras da narrativa, com vozes nativas ou estrangeiras que se complementam [...] (GUEDES, 2019, p. 154).

Desta presença da heterogeneidade cultural na obra de Milton Hatoum, encontrada em sua crítica, daremos destaque a personagens subalternas/marginalizadas da sociedade brasileira.<sup>7</sup> Vislumbramos a figura complexa gramsciana presente em quatro de seus romances. Entendemos que Hatoum insere-se exatamente no rol de escritores que trabalham "contra a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido" (SPIVAK, 2010, p. 14).

<sup>3</sup> Filho de mãe amazonense de origem libanesa-católica e de pai libanês-muçulmano. Vive na cidade natal até seus 15 anos. Dezoito anos depois, retorna a Manaus. A partir de 1999, depois de viver mais 15 anos na cidade de seu nascimento, passa a residir em São Paulo.

<sup>4</sup> Entrevista concedida a José Castello, em 14 de novembro de 1998.

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Aida Ramezã Hanania, em 5 de novembro de 1993, transcrita e editada pela entrevistadora.

<sup>6</sup> Pesquisa de Pós-Doutorado realizada por Juciane Cavalheiro, na Universidade de Brasília, sob supervisão de Augusto R. da Silva Júnior, no âmbito das atividades do Programa de Pós-graduação em Literatura. Processo CAPES N. 88887505610/2020-00

<sup>7</sup> Há, por exemplo, o livro de ensaios *Os pobres na literatura brasileira* (1983), organizado por Roberto Schwarz, em que são analisadas obras do século XVII até a produção do início da década de 1980.

Contra todo mutismo social, a voz eleita por Hatoum é a da prosificação do mundo. Movimentando vários estamentos e segmentos (GRAMSCI, 1978a) sociais, as vozes, de seus narradores geo-poeta (BENJAMIN, 1987), estilizam uma coletividade, ainda órfã e subalterna, do norte. Para tal análise, serão trazidas: a mulher inominada, de *Relato de um certo Oriente*; Nael, de *Dois irmãos*; Lavo, de *Cinzas do Norte*; e Arminto Cordovil, de *Órfãos do Eldorado*. Posteriormente, as empregadas indígenas Anastácia Socorro, de *Relato de um certo Oriente*, e Domingas, de *Dois irmãos*, que vivem, desde seu nascimento, em um contexto de submissão social, também refletem mecanismo e tramas que provocam e desvelam diversos fatores de "subalternização". Por sua vez, os narradores de Hatoum convocam imagens de diversidade na literatura contemporânea brasileira.

### 1 Os narradores nas obras de Hatoum

O romance de estreia de Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (1989), é narrado por uma mulher inominada. Na literatura brasileira, essa estratégia de "apagar o nome" para reforçar a subalternização do indivíduo já foi utilizada por Graciliano Ramos, com o "Menino mais velho" e o "Menino mais novo", de *Vidas Secas* (1938) e, mais recentemente "Meninos", por Ismail Kadaré em *Abril despedaçado* (1978), e por dois "filhos", também não nomeados em *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar. Essa mulher que teve desde o batismo seu apagamento social carrega consigo dois lugares, mas não se sente pertencente a nenhum. Em constante condição de liminaridade e enfrontamento, ela é, por um lado, estrangeira no lugar em que nasceu; por outro, guarda memórias e mantém fortes raízes com a cidade de origem.

O segundo romance de Hatoum, *Dois irmãos* (2000), é narrado por Nael, filho de um dos gêmeos e da empregada indígena, ironicamente nomeada de Domingas. São, mulher inominada e Nael, parcialmente integrantes (agregados) da família. Lavo, de *Cinzas do Norte*, um órfão criado pelos tios, é também um ser que relata e que

vive à margem. Ao contrário dos dois primeiros, apesar da orfandade e da classe social menos prestigiada, integra uma família que não habita na propriedade dos patrões.

Os narradores dos três primeiros romances de Hatoum situam-se em um "posicionamento fronteiriço", o qual "está vinculado à marca de uma forte ausência, intimamente relacionada à procedência deles": o abandono da mãe e pela adoção (narradora do *Relato*); a bastardia e o silêncio a respeito da identidade do próprio pai (Nael); ou a orfandade (Lavo) (BIRMAN, 2007, p. 14). Em entrevista, ao falar dos três primeiros romances, ele aponta ter pensado "mais na forma maleável de um narrador que no início de sua vida é um subalterno, mas que é capaz de alcançar uma posição social e de narrar sua própria história" (HATOUM, 2006, p. 141-142).

O narrador de *Órfãos do Eldorado*, Arminto Cordovil, herdeiro de uma grande fortuna, torna-se, pelas circunstâncias, subalterno. Exerce, na novela, o papel de contador de sua história (*Der Erzähler*) e de um lugar "habitado pela solidão", o Eldorado (HATOUM, 2008, p. 102).

Em 2017, inicia a publicação da trilogia *O lugar mais sombrio*, com o romance *A noite da espera*. Em 2019, lança o segundo volume, *Pontos de fuga*. O projeto de acompanhar um dos períodos mais repressivos vivenciados no Brasil durante o século XX, qual seja, o da ditadura militar brasileira, é, de certo modo, um acerto de contas com sua geração<sup>8</sup> (HATOUM, 2019b, p. 2). Entendendo ser necessário um certo distanciamento, ele coloca a necessidade de "esperar decantar [a] experiência. E até esquecer. Porque a memória e o esquecimento fazem parte" (HATOUM, 2019b, p. 4). Essa mesma estratégia foi utilizada por Machado de Assis ao trabalhar em seus romances o distanciamento histórico e o afastamento biográfico de seus narradores, dos quais, os melhores exemplos são Brás Cubas e Conselheiro Aires.

A exemplo da escrita de seus romances anteriores, há um longo preparo até a publicação de cada um dos volumes da trilogia. Procura, nesses

<sup>8</sup> Entrevista concedida a Eduardo Nunomura, em 29 de novembro de 2019.

livros, trazer outras personagens marginalizadas para ribalta, ou seja, aquelas que não puderam ser ouvidas durante os anos de censura e perseguição, que tiveram, em muitos casos, uma experiência de alteridade silenciada e violentada. Vidas privadas de subjetividade que a estilização da prosa recupera e alimenta, reimaginando e narrando em relatos de uns certos marginalizados.

Hatoum, ao estilizar essa voz com narradores marginalizados, busca assegurar um lugar de enunciação a estes personagens subalternos e subalternizados. Clandestinos, sempre em condição liminar, possibilitam, via literatura, experiências de subjetivação equânimes por brasis liminares espriados pelo norte.

## 2 Narradores e orfandade social em *Relato de um certo Oriente, Dois irmãos, Cinzas do Norte e Órfãos do Eldorado*

A narradora de *Relato de um certo Oriente* organiza, a partir de vozes e da memória de outras personagens, a experiência singular de um passado compartilhado. Estas personagens atuam, por meio de depoimentos, cartas, diários etc., como forças narrativas estilizadas. Já a narradora principal traduz, de certo modo, o contado em tom de oralidade – o qual é ativado pela memória individual de cada um dos “relatantes”. Daí a palavra relato patente desde o título, sempre atualizando processos coletivos e socialmente seletivos.

Como coloca Gramsci, na linguagem está sempre contida “uma determinada concepção de mundo” (1978a, p. 11). Entendendo que a história e a história da cultura caminham juntas, a mulher inominada que “relata”, ao falar de seu pai, comenta:

Foi ele quem me ajudou a sair da cidade para ir estudar fora, e além disso nunca se contrariou com a nossa presença na casa, desde o dia em que Emilie nos aconchegou ao colo, até o momento da separação. Desfrutamos os mesmos prazeres e as mesmas regalias dos filhos, e com ele padecemos as tempestades de cólera e mau humor de um pai desesperado e de uma mãe aflita. Nada e ninguém nos excluía da família, mas no momento conveniente ele fez questão de esclarecer quem éramos e de onde vínhamos (HATOUM, 1989, p. 20).

A condição de integrantes externos à família é evidenciada nessa passagem. Se, por um lado, a presença dos irmãos adotivos não era motivo de exclusão no cotidiano da casa; por outro, esta condição de não pertencimento um dia veio à tona. Entretanto, comiam e dormiam na casa principal e esse hibridismo da cultura brasileira ressalta a ordem de estamentos aparentemente móveis, mas que insistem em ser imóveis – justamente pela voz.

Em *Dois irmãos*, Nael, enquanto narrador, “possui uma posição privilegiada para articular esse passado buscando seu próprio lugar naquela família, simultaneamente, tão estranha e tão próxima” (FREIRE, 2006, p. 206). Aproxima-se da família por ser filho de Domingas e de um dos gêmeos. Contudo, a bastardia é, também, motivo de não ter direito a pertencer plenamente à casa principal. Esse problema do agregado tão bem destacado por Machado de Assis em *Dom Casmurro* (1899) ganha novas nuances com Hatoum.

O espaço ocupado por Nael é, pois, fronteiroço. Por um lado, “podia frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam” (HATOUM, 2000, p. 82). Por outro, seu lugar é e será até o final da narrativa, o quartinho dos fundos: morava com sua mãe, quando criança, no espaço subalterno do lar principal: “dormíamos abraçados no mesmo quartinho que fedia a barata” (HATOUM, 2000, p. 243) – o mesmo cheiro de barata, diga-se de passagem, da *Paixão segundo G. H.*, de Clarice Lispector (1964).

Depois passou a ocupar um outro quartinho, vizinho ao de sua mãe. Seu pai vivia na casa principal, reforçando a imagem do homem de poder assentado nos espaços hierárquicos. Após a casa ter sido vendida, por pouco tempo, ficou sozinho nela, e sentiu-se “o senhor absoluto” (HATOUM, 2000, p. 253). Contudo, “a área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal” (HATOUM, 2000, p. 256). Nessa solidão e orfandade a memória deslinda dores e silenciamentos.

É fronteiroça também sua descendência, não é de todo descendente de libaneses, nem de indígenas. Também não se sente confortável na

cidade em que cresceu. A bastardia foi-lhe recompensada com o nome de seu bisavô e, quando a casa principal foi vendida, com um "quadrado no quintal", sua "herança" material e simbólica (HATOUM, 2000, p. 256). Também não se reconhece no mundo indígena perdido de Domingas. No único dia em que saiu de Manaus com o filho, mãe e filho voltam silenciosos "pela portinhola da cerca dos fundos" (HATOUM, 2000, p. 79).

Aos domingos, dia em que tinha um pouco de descanso, perambulava pela cidade, mas também se sentia estranho neste mundo que não era "domingamente" seu: "Um mundo escondido, ocultado, cheio de seres que improvisavam tudo para sobreviver, alguns vegetando", mas os "catraieiros" eram os que mais o impressionavam: o cheiro desacostumado, as moscas que vinham consigo, tudo isso o enfasiava, de tudo isso se afastava (HATOUM, 2000, p. 80-81). A reconstrução engendra um "jogo de lembranças e esquecimentos" na sua história, no mesmo quartinho, na mesma herança (HATOUM, 2000, p. 264).

Todavia, o que difere quanto à posição dos narradores dos dois primeiros romances já apontados, segundo a leitura de Luis de Souza Cezar, é o fato de a narradora de *Relato* somente ser adotada por não ser de uma classe social diferente ao da família da matriarca Emilie. Nael, por sua vez, "cuja legitimidade sanguínea é inquestionável, passou a vida lutando contra as goteiras do quartinho dos fundos da casa e buscando oportunidades para estudar nos intervalos das tarefas caprichosas de Zana" (CEZAR, 2019, p. 32). Essa exclusão é melhor explicada da seguinte maneira:

A exclusão da narradora de *Relato de um certo Oriente* é individual, é um sentimento de não pertencimento a nenhuma das suas famílias: a adotiva e a biológica; em *Dois Irmãos*, trata-se de uma exclusão que extrapola os limites do indivíduo, Nael quer perdoar um dos gêmeos e encontrar o seu pai, no entanto a falta é grande demais, há um caminho inacessível entre o quartinho de Domingas e o sobrado dos libaneses (CEZAR, 2019, p. 32).

Esse movimento excludente, entre o sobrado e o quartinho ganha contornos respondíveis e basilares em *Cinzas do Norte*. O livro inicia-se com uma espécie de preâmbulo em que o narrador,

Olavo (Lavo), menciona uma carta escrita há uns vinte anos, por um amigo da infância e adolescência, Raimundo (Mundo). Com o desejo de "reescrever" sua vida, mas sem possibilidade de empreender tal vontade, ele confessa: "não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel" (HATOUM, 2005, p. 9). A carta é responsável por acionar as lembranças de Lavo e servir como um dos motes para compor a escrita: "Uns vinte anos depois, a história de Mundo me vem à memória com a força de um fogo escondido pela infância e pela juventude" (HATOUM, 2005, p. 9). Em um jogo, entre a abertura e o final da obra, numa espécie de "decomposição biográfica" do relato, a carta mencionada na abertura é "transcrita" ao final da história: "Como epílogo, acrescentei a carta que Mundo me escreveu, antes do fim." (HATOUM, 2005, p. 303).

Além da carta de Mundo, outro manuscrito compõe a história, tecida com missivas escritas pelo tio do narrador, Ranulfo (Ran, que volta no livro de contos *A cidadeilhada*, 2009), ao personagem, de nome drummondiano, Mundo: "Publica logo o relato que escrevi. Publica com todas as letras... em homenagem à memória de Alícia e de Mundo" (HATOUM, 2005, p. 303). São endereçadas a Mundo, porém correspondem a um tempo anterior ao nascimento dele e de Lavo. Além destas memórias alheias, outras são incorporadas como próprias ao longo do romance. Contudo, a perspectiva do narrador, enquanto orquestrador da polifonia, rememora experiências partilhadas, recolhidas e vivenciadas durante três décadas: iniciam nas vésperas do golpe militar de 1964, com algumas digressões para a década anterior, e seguem até meados da década de 1980.

Nesse conjunto de exclusões que extrapolam os limites da individualidade, Arminto Cordovil, protagonista-narrador de *Órfãos do Eldorado*, constrói sua história, em um monólogo ininterrupto, a um interlocutor que teve a "gentileza" de ouvi-lo (HATOUM, 2008, p. 106), lembrando alguns narradores de contos machadianos e o mais famoso solilóquio em prosa da literatura brasileira: o de Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*. A morte

de sua mãe durante o parto, o silêncio e a indiferença do pai, os cuidados de Florita, o exílio em uma pensão de Manaus, a morte do progenitor, o amor doentio por Dinaura, a morte de Florita, sempre em condição subalterna, enformam uma longa vida de miséria e de abandono.

Pobre e velho, sem ninguém, ao contar sua história, encerra um ciclo de declínio da família Cordovil: "Até a Primeira Guerra, quem não tinha ouvido falar de Arminto Cordovil? Muita gente conhecia meu nome, todo mundo tinha ouvido falar da riqueza e da fama do meu pai, Amando, filho de Edílio" (HATOUM, 2008, p. 13). As memórias culminam com a sua recusa e incapacidade de ter sido o herdeiro obstinado em dar continuidade ao patrimônio da família:

Nossa vida não se cansa de dar voltas. Eu não morava nesta tapera feia. O palácio branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. [...] Joguei fora a fortuna com a voracidade de um prazer cego. Quis apagar o passado, a fama do meu avô Edílio (HATOUM, 2008, p. 14).

*Órfãos do Eldorado* aproxima-se do geopoeta narrador oral, quase extinto, pensado por Walter Benjamin (1987) e renovado na prosa amazônica brasileira. A novela, narrada pelo protagonista Arminto Cordovil a um interlocutor que resolve escutá-lo, é um longo monólogo, sem nenhuma interferência ou participação do ouvinte durante o relato. Ao final, dirige-se diretamente a este interlocutor, mas sem permitir a reversibilidade. Somente no posfácio, há a revelação desse indivíduo que ouve:

Quando meu avô me contou a história dos órfãos, eu quis saber onde ele a havia escutado. Anos depois, ao viajar pelo Médio Amazonas, procurei o narrador na cidade indicada. Ele morava na mesma casa que meu avô tinha descrito, e estava tão velho que nem sabia sua idade (HATOUM, 2008, p. 106).

O avô de Hatoum, portanto, é quem conserva e narra a história, guardada em suas memórias, ao neto: "Naquela tarde [de 1965], meu avô me contou uma história que ouviu em 1958, numa de suas viagens ao interior do Amazonas" (HATOUM, 2008, p. 105). Em diversas entrevistas, Hatoum fala sobre as histórias ouvidas, seja de seu avô (um

dos narradores orais da sua infância), seja dos contadores que frequentavam a Pensão Fenícia, propriedade de sua família. Em "Escrever à Margem da História", Hatoum relaciona os geopoetas de sua infância aos dois grupos de narradores trazidos por Benjamin: do "marinheiro comerciante" e do "camponês sedentário". Mas os recria com os passantes e estrangeiros pela floresta e rios e pelos habitantes próximos aos banheiros e maresias e tantos moradores de orlas e de margens.

Em diálogo com o texto de Benjamin (1987), o crítico (que foi professor de literatura na Universidade Federal do Amazonas) e ficcionista Hatoum lembra da experiência adquirida em sua infância e adolescência com estes narradores orais, com seus gestos e expressões. No primeiro grupo, recorda os diversos narradores em trânsito por Manaus, alguns oriundos do interior do Amazonas, os quais narravam experiências recentes de viagens. Recorda, ainda, outros que contavam episódios de um passado mais distante temporal e espacialmente, como alguns orientais. No segundo grupo, Hatoum inclui os nativos migrados para a capital:

Na Pensão Fenícia, as vozes desses nativos faziam contraponto às dos imigrantes orientais: vozes dissonantes, que narravam histórias muito diferentes, mas que pareciam homenagear um tipo de saber citado por Benjamin: "o saber que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição" (HATOUM, 1993, p. 2).

Quanto ao narrador de *Órfãos*, desde cedo escuta histórias orais narradas pelos aldeões mais velhos e, também, recontadas por Florita, responsável por cuidar de Arminto:

Lembro também da história de uma mulher que foi seduzida por uma anta-macho. [...] Lendas que eu e Florita ouvíamos dos avós das crianças da aldeia. Falavam em língua geral, e depois Florita repetia as histórias em casa, nas noites de solidão da infância (HATOUM, 2008, p. 12-13).

São, portanto, histórias orais que preenchem o vazio e o sofrimento da ausência da mãe e de seu pai, que nunca soube o que fazer com o filho: "Entre nós dois havia a sombra de minha mãe: o sofrimento que ele suportava desde a morte dela"

(HATOUM, 2008, p. 27). Arminto, de ouvinte, passa a narrador da sua experiência, não apenas para ensinar alguma coisa ao seu interlocutor, mas para aliviar e “expulsar [o] fogo da alma” (HATOUM, 2008, p. 103). A experiência vivida, acionada pela memória, é subsídio para sua história. Todavia, recusa-se a repeti-la: “Já contei uma vez, para um regatão que passou por aqui e teve a gentileza de me ouvir. Agora minha memória anda apagada, sem força...” (HATOUM, 2008, p. 106).

Observa-se, na escrita de Hatoum (2008), um narrador que declara a sua morte ao se recusar a contar novamente sua história para outra pessoa. É, pois, dessa escrita de morte (tanatografia) que deriva a autoridade do narrador:

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades (BENJAMIN, 1987, p. 210).

O avô de Hatoum, enquanto ouvinte da narrativa contada por Arminto Cordovil, assegura essa “possibilidade de reprodução”. A reminiscência, portanto, “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 1987, p. 211). As lembranças ouvidas, as experiências vividas pelo narrador-protagonista de *Órfãos do Eldorado* entoam forças ligadas às histórias do avô ouvidas na sombra do jatobá, em 1958. Já a rememoração, evidenciada pela voz do então ouvinte e agora narrador do relato para seu neto Hatoum, em um domingo de 1965, transforma-se, em 2008, em escrita para a novela *Órfãos do Eldorado*.

Nesse sentido, os quatro primeiros narradores de Hatoum aproximam-se do passado no sentido proposto por Benjamin (1987), de modo a articulá-lo historicamente. Mais uma vez, em diálogo com Gramsci, percebe-se que a história ganha camadas quando entendida como parte da história da cultura (GRAMSCI, 1978b). Respondendo Spivak (2010), arriscamos dizer que o subalterno, no literário, na oralidade, deseja falar, relatar e, quando possível, escrever.

Muitos anos depois, os narradores buscam

compreender o passado a partir de seus presentes e com aquilo que mantêm com aquele passado, pois, como nos lembra Benjamin, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agora’” (BENJAMIN, 1987, p. 229).

Em *Lembrar escrever esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin afirma que “a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GAGNEBIN, 2009, p. 44). Hatoum elege narradores que também buscam juntar fragmentos e raízas, a partir de uma voz que rememora experiências alheias e experiências vividas. Em um jogo de lembrança e esquecimento, que se revela por meio de fragmentos/rastros acionados pela memória, os relatos de vozes saturadas de imagens e palavras confrontam tempos saturados de “agoras”.

### 3 As empregadas Anastácia Socorro e Domingas

A Manaus descrita por Hatoum “não é a do êxito de um projeto pacífico de miscigenação, assimilação ou convivência multicultural”. Nela “o autor retrata e denuncia a ausência de um claro limite entre trabalho e escravidão” (BIRMAN, 2007, p. 31). Nos três primeiros romances e na novela *Órfãos do Eldorado*, há diversas personagens que não possuem suas subjetividades devidamente reconhecidas, nem para si nem para os outros. Buscam, de certa forma, constituir-se através de sobras e de sombras, de raízes e de fragmentos de vidas que poderiam ter sido e que não foram, como diria Manuel Bandeira.

Em *Relato*, temos, por exemplo, a personagem indígena Anastácia Socorro. Hakim, um dos filhos da matriarca, relata as violências sofridas pelas empregadas da casa:

[...] meus irmãos abusavam como podiam das empregadas, que às vezes entravam num dia e saíam no outro, marcadas pela violência física e moral. A única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente (HATOUM, 1989, p. 86).

Emilie, a dona da casa, em alguns raros e curtos momentos, tinha um tratamento diferenciado com Anastácia Socorro, como, por exemplo, quando a família soube de seu parentesco com Lobato Natividade, que se tornou amigo da família desde que encontrou e resgatou o corpo de Emir. Desde então "a lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito, e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera" (HATOUM, 1989, p. 97). As inferências intertextuais na questão dos nomes ecoam aqui em diálogo com Monteiro Lobato. O nome da agregada é o mesmo da negra do *Sítio do Picapau Amarelo* (1920:1947) – com a diferença que na Amazônia ela é indígena.

Em outros momentos, a mesma Anastácia, ao construir, através de sua vocalidade e seu corpo, um mundo amazônico misterioso, tinha alguns instantes de descanso: "através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar [...]" (HATOUM, 1989, p. 91). Contudo, de forma geral, era tratada apenas como uma empregada da família, trabalhava seis dias por semana, da manhã à noite: no "único dia de folga de Anastácia, [...] saía de manhãzinha para visitar uns parentes e só retornava à noite [...]" (HATOUM, 1989, p. 43).

Em *Dois irmãos*, a personagem Domingas tem um destaque central. Diversas vezes Hatoum afirmou ter se inspirado na personagem Félicité, de Flaubert, conto traduzido por Milton Hatoum e Samuel Titan Jr., para criar a serviçal de seu segundo romance. Em um "Um coração simples", o narrador retrata a vida abnegada de uma personagem que vive em condições sociais subalternas.

Domingas, também órfã como Félicité, é acolhida em um orfanato de Manaus. Após ser alfabetizada e "domesticada" pelas freiras, é "doada" a Zana em troca de mercadorias e um envelope: "Zana tirou um envelope do pequeno altar e o entregou à religiosa" (HATOUM, 2000, p. 77). Viveu dois anos praticamente enclausurada, a ponto de Domingas sentir-se mais livre na casa da patroa: "o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela" (HATOUM, 2000, p. 77).

Muitas qualidades de Domingas aproximaram-na de Zana, como, por exemplo, a ligação religiosa: "Nas horas da reza, em frente ao altar da sala, ficavam juntas, ajoelhadas, adorando a santa de gesso que Domingas espanava todas as manhãs" (HATOUM, 2000, p. 68). Um outro destes momentos é quando se unem, durante dias, em orações intermináveis para que o Caçula volte para casa:

Ela [Zana] se aproximou de minha mãe e virou a cabeça para o oratório. [...] A índia e a levantina, lado a lado: a expressão solene dos rostos, o fervor que cruzava oceanos e rios para palpitar ali naquela sala – tanta devoção para que ele voltasse, são e salvo, sobretudo sozinho, para o quarto que seria sempre só dele (HATOUM, 2000, p. 148).

Anastácia Socorro e Domingas viviam como servas à disposição dos patrões. Domingas, ironicamente, não possuía nenhum dia de descanso: "Uma vez, na noite de um sábado, enervada, enfadada pela rotina, ela quis sair de casa, da cidade. Pediu para passar o domingo fora. A patroa estranhou, mas consentiu, desde que Domingas não voltasse tarde" (HATOUM, 2000, p. 73-74). A subjetividade dela ficou em um passado, de brasis liminares, que nunca tem presente. Desde o momento em que ingressou no orfanato, passou a viver em condições de subjugação. Após ser vendida por uma das freiras, "a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama" (HATOUM, 2000, p. 67) passou a viver em função da família, que a acolheu do orfanato, misto de empregada, ama, amante, amiga, escrava. A tão adiada liberdade foi dando lugar à "inação" e ao "envolvimento com os gêmeos" (HATOUM, 2000, p. 67). Domingas sempre foi uma "sombra servil" (HATOUM, 2000, p. 34).

Quando Domingas não se levantou mais da rede, foi concedido o pedido de Nael para que sua mãe fosse enterrada no jazigo da família: "Minha mãe e meu avô, lado a lado, debaixo da terra, haviam encontrado um destino comum. Eles que vieram de tão longe para morrer aqui" (HATOUM, 2000, p. 245).

Hatoum, no ensaio "Laços de parentesco: Ficção e Antropologia", ao falar sobre a constituição da personagem Domingas, afirma:

[...] meu intuito não era enveredar por uma busca da identidade nacional, nem mesmo regional, amazônica. Fui movido sobretudo por uma adesão afetiva a pessoas desgarradas de seus povoados, que moravam e trabalhavam em Manaus (HATOUM, 2005, p. 84).

As raízes e rizomas culturais de Domingas ficaram em suas remotas lembranças, mas são de alguma forma rememoradas ao esculpir os animais de madeira: "É um trabalho herdado de sua família, um vestígio de sua herança cultural, que ela cultiva até o momento da morte" (HATOUM, 2005, p. 86). Nesse sentido, mesmo negando, ela acaba trazendo um retrato de identidades marginalizadas em brasis liminares.

### Considerações finais

Anastácia Socorro, Domingas e Florita, como tantos sujeitos desprezados em vida – Dona Plácida (de *Memórias póstumas de Brás Cubas*), Fabiano e Sinha Vitória (de *Vidas Secas*), Macabéa (de *A hora da estrela*), Félicité, do conto "Um coração simples" – vivem à margem da sociedade e passam pelas condições de orfandade do mundo. Advindos de estamentos populares, espalhados nas distinções familiares e sociais, que atingem a (história) cultural, habitam na precarização da vida. Não-seres marcando a história da literatura brasileira e reproduzindo-se em variantes captadas pela pena hatouniana.

Na leitura realizada por Leandro Silva, as personagens subalternas retratadas nos romances de Hatoum "não são propriamente servos, nem escravos, nem parentes e tampouco empregados daqueles que as mantêm. Transitam no limbo a que foram confinadas, nesse espaço obscuro em que é impossível se situar" (SILVA, 2012, p. 102). Vivem, como tantos sujeitos, num entrelugar. Essa indefinição abre mais brechas ainda para a exploração. Por não serem escravos, nem livres, não terem salário revelam, ao longo de suas vidas, fatores de inferiorização, de humilhação e de não reconhecimento de suas subjetividades. Marcas da obra de Hatoum, marcas de brasis liminares em um norte, em uma floresta, em grandes margens flúvias.

As histórias das empregadas e dos subalternos, como um todo, nas obras de Hatoum exempli-

ficam essas contradições. Anastácia Socorro, de *Relato*, e Domingas, de *Dois irmãos*, surgem na história como empregadas domésticas e, assim, permanecem, sem socorro, até a morte. Suas vidas dedicadas às famílias para as quais trabalham representam os sujeitos subalternos que amargam diferentes formas de dominação colonial (e seus reflexos durante 521 anos) e capitalista (com esse neoliberalismo) violento, destruidor e sádico. Miséria que é passada para os descendentes e relatada na literatura: uma filha de Anastácia Socorro continua a trabalhar na casa da matriarca Émile; Nael continua a viver no quatinho dos fundos, mas com uma presumível ascensão social. Florita, de *Órfãos*, e Domingas, de *Dois irmãos*, somente tiveram seu reconhecimento quando enterradas no jazigo da família. Uma morte que nomeia, que dá identidade para os que poderiam ter "sido".

Vozes personificadas e marcadas por suas presenças marginais, subalternas, esquecidas. Responsáveis por romperem o silêncio de sujeitos esquecidos individual e socialmente. São, pois, sujeitos de linguagem, com consciência de suas realidades híbridas, cruzando as fronteiras entre o colonizado e o colonizador, de modo a dar espaço ao diaspórico (BHABHA, 2013). Não há, nos quatro primeiros narradores de Hatoum, conforme defendido na tese de Bottos Júnior, "experiência transmissível que não seja provisória e fragmentada [...] [buscam] criar um espaço híbrido, capaz de dar sentido ao desafio de narrar o passado" (BOTTOS JÚNIOR, 2018, p. 94). Os narradores são, portanto, responsivos e responsáveis – enquanto sujeitos que ocupam, para usar a expressão de Homi Bhabha (2013), "o terceiro espaço da enunciação". Enunciação, relato que realiza a reconstrução da história, através da linguagem escrita. Escrita e oralidade, estilização de discursos híbridos, camadas vocais populares povoando as margens nas narrativas de Milton Hatoum.

A escolha do narrador (*Der Ezzahler*) é um dos elementos centrais para o escritor liminar. Assumem, nas quatro narrativas analisadas, além de uma posição fronteira da hegemonia da ordem familiar e social, uma condição de subalternidade.

Estão à margem da casa e da sociedade, são órfãos ou filhos ilegítimos: a narradora inominada, em *Relato*, por ser e não ser filha da família que a adota; o narrador de *Dois irmãos*, por ser filho tanto da empregada quanto de um dos filhos dos patrões; Lavo, narrador de *Cinzas do Norte*, por viver como “uma cicatriz num quarteirão de sobrados austeros” (HATOUM, 2005, p. 26); e Armino, narrador de *Órfãos do Eldorado*, por viver e se sentir, ao fim de sua vida, como um não-ser.

Voz e espaço se confundem na exploração do subalterno. Mas aquilo que o espaço reforça, a voz resiste. Os narradores de Hatoum, ao retratarem essa sociedade amazônica em que o colonial ainda ecoa e o neoliberalismo faz queimadas (da fauna, flora e do humano) e seca os rios, mostram uma luta constante. Os velhos direitos de nome e de sangue, explorados, são atravessados por essas vozes de “reexistência”. Em Milton Hatoum os narradores podem falar e escrever. Narradores que podem relatar com a voz sempre ecoando forte, patente, “reexistente”.

## Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BIRMAN, Daniela. *Entre-narrar: relatos da fronteira em Milton Hatoum*. Orientador: João Camilo Penna. 2007. 290 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

BOTTOS JR., Norival. *O Ritorno do Horror em Milton Hatoum*. Orientador: Pedro Carlos Louzada Fonseca. 2018. 243 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CAVALHEIRO, Juciane. Recepção e produção acadêmica sobre a obra de Milton Hatoum: circulações. In: MIBIELLI, Roberto; JORGE, Silvio Renato; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes (org.). *Trânsitos e fronteiras literárias: territórios*. Rio de Janeiro, RJ: Makunaima; Boa Vista, RR: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020a. p. 155-175.

CAVALHEIRO, Juciane. Recepção crítica da ficção de Milton Hatoum: experiências de alteridade e narrativas na e sobre a Amazônia. In: CAVALHEIRO, Juciane dos Santos; ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; LEÃO, Allison Marcos (org.). *Amazônias: literaturas, histórias e outras invenções*. Rio Branco: Nepan Editora: Edufac, 2020b. p. 217-229.

CEZAR, Luis Adriano de Souza. *A narração e seus impasses no romance de Milton Hatoum*. Orientadora: Gínia Maria de Oliveira Gomes. 2019. 156 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. Orientador: Renato Cordeiro Gomes. 2005. 157 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

FERREIRA, Lourdes Nazaré Sousa. *Desemprego e insulamento nas obras literárias A ilha da ira, de João de Jesus Paes Loureiro e Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum*. Orientadora: Tânia Maria Sarmento-Pantoja. 2018. 160f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. *Entre Orientes: Viagens e Memórias – A narrativa Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum*. Orientador: Francisco Foot Hardman. 1998. 148 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

GUEDES, Nathassia Maria de Farias. *Poéticas do (re) encontro: representações do deslocamento em Terra de Icamiba, de Abguar Bastos, e Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum*. Orientadora: Ana Cláudia da Silva. 2019. 162 f. Tese (Doutorado em Literatura) – UnB, Brasília, 2019.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.

HATOUM, Milton. Milton Hatoum reclama a volta da indignação. [Entrevista cedida a] José Castello. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. D4, 14 nov. 1998. Caderno 2.

HATOUM, Milton. [Entrevista concedida a] Aída Ramezã Hanania]. *Hottopos*. [S. l.], 5 nov. de 1993. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm>. Acesso em: 12 set. 2020.

HATOUM, Milton. Milton Hatoum: o acerto de contas. [Entrevista cedida a] Eduardo Nunomura. *Letra Capital*, 29 nov. 2019b. Disponível em: <https://farofafa.cartacapital.com.br/2019/11/29/entrevista-milton-hatoum-o-acerto-de-contas>. Acesso em: 13 jul. 2020.

HATOUM, Milton. Escrever à margem da História. In: Seminário de escritores brasileiros e alemães, 1993. São Paulo. *Anais eletrônicos* [...]. São Paulo: [s. n.], 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/fronfeiraz/article/view/12593/9167>. Acesso em: 22 jun. 2020.

HATOUM, Milton. Entrevista com Milton Hatoum. [Entrevista cedida a] Julio Pimentel Pinto, Francine Iegelski e Stefania Chiarelli. *Intelligere: Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 2-10, 2016. Disponível em: [www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/download/120279/118467/226876](http://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/download/120279/118467/226876). Acesso em: 20 set. 2020.

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. *Memórias inventadas: um estudo comparado entre Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum e Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra, de Mia Couto*. Orientador: Benjamin Abdala Júnior. 2007. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2007.

MARTINS, Benedita Afonso. *Imagens da Amazônia: olhares interculturais*. Orientador: Reinaldo Martiniano Marques. 2004. 239 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MARTINS, Benedita Afonso. Culturas para além das fronteiras. *Revista Moara*, Belém, n. 27, p. 39-60, jan./jun., 2007. Disponível em: <file:///D:/Milton%20Hatoum%20TESES/2004.%20Tese.%20Artigo%20critico.%20Benedita%20Afonso%20Martins.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

PENALVA, Gilson. *Estudo comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro*. Orientadora: Liane Schneider. 2012. 182 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Victor Leandro. *O norte impossível: ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de. Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

---

## Juciane Cavalheiro

Pós-doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS, Brasil; professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Manaus, AM, Brasil.

---

## Augusto Rodrigues da Silva Júnior

Pós-doutorado nas Universidade do Minho (UM), em Braga, Portugal, e Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil; mestre em Literatura pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, GO, Brasil; professor da Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; coordenador da Cátedra Agostinho da Silva na Universidade de Brasília.

---

## Endereço para correspondência

Juciane Cavalheiro  
Universidade do Estado do Amazonas  
Escola Normal Superior  
Avenida Djalma Batista, 2470  
Chapada, 69050-010  
Manaus, AM, Brasil  
Augusto Rodrigues Da Silva Junior  
Universidade de Brasília, Colina, B. E – 207  
Asa Norte, 70904-105  
Brasília, DF, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*